

## A EXPRESSÃO DA ESPÉCIE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOMES NUS E DEFINIDO GENÉRICO <sup>1</sup>

### THE EXPRESSION OF KIND IN BRAZILIAN PORTUGUESE BARE NOUNS AND DEFINITE GENERIC

Roberta Pires de Oliveira<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo investiga a expressão da espécie no Português Brasileiro em que quatro formas competem: os nominais nus, singular e plural, *Periquito está em extinção* e *Periquitos estão em extinção*, e os definidos genéricos, singular e plural, *O periquito está em extinção* e *Os periquitos estão em extinção*. Argumenta que esse sistema é evidência de que as línguas naturais diferenciam dois tipos indivíduos genéricos: a espécie singular e a espécie soma máxima plural. Esses indivíduos estabelecem relações distintas com os seus “elementos”. O singular nu e o definido genérico singular denotam o indivíduo. O acesso ao elemento é indireto. O plural nu e o definido plural denotam a soma máxima de elementos, uma propriedade cumulativa. O artigo definido genérico carrega pressuposição de familiaridade, enquanto o singular nu é indefinido, não carrega pressuposição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nomes nus. Definido genérico. Espécie singular. Espécie plural. Português Brasileiro. (In)definitude.

#### ABSTRACT

This paper investigates kind expressions in Brazilian Portuguese, where four forms compete: singular and plural bare nominals, *Periquito está em extinção* and *Periquitos estão em extinção*, and singular and plural generic definites, *O periquito está em extinção* e *Os periquitos estão em extinção*. It argues that this system is evidence that natural languages differentiate two individuals: singular kinds, and maximal sums. These individuals entertain distinct relations with their “elements”. Individuals realize a kind and are parts of maximum sums. We argue that the difference is: singular expressions denote the atomic kinds, plurals, the plural individual. The definite generic carries a presupposition of familiarity, while bare nominals are indefinites, they do not carry presuppositions.

**KEYWORDS:** Bare nominals. Definite generics. Singular kinds. Plural kinds . Brazilian Portuguese. (In) definites.

#### Introdução

A semântica do sistema nominal, na vertente formal, conheceu um crescimento exponencial desde a sua fundação nos idos da década de 70. Este artigo pretende ser uma contribuição efetiva para a área sem perder de vista o leitor menos familiarizado com as formalizações. O modelo teórico baseia-se em Carlson (1977), Chierchia (1998, 2010, 2021), Dayal (2004), Pires de Oliveira (2022)

<sup>1</sup> Meus agradecimentos aos comentários e sugestões feitos pelos revisores. Agradeço ao CNPq pelo financiamento de meu projeto de pesquisa PQ-1C. A primeira versão deste artigo foi produzida durante minha estadia de pós-doutorado senior em Harvard, graças a Bolsa Pós-Doutorado Senior do CNPq.

<sup>2</sup> Pesquisadora PQ-1C CNPq, professora titular Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ropiolive@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-4946-7205>.

e é um estudo sobre a genericidade nominal no português brasileiro contemporâneo (PB),<sup>3</sup> uma língua considerada “exótica” (NUNES, no prelo), porque não se comporta como as demais línguas românicas, que ou não aceitam nomes nus, como é o caso do francês, ou aceitam marginalmente o plural nu (PNu), como é o caso do português europeu; as outras línguas românicas não aceitam o singular nu (SNU), em posição argumental (MÜLLER; OLIVEIRA, 2004). No PB, tanto o SNU quanto o PNU expressam a espécie (SCHMITT; MUNN, 1999, 2002; PIRES DE OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011, entre outros), já que compõem com predicados de espécie, como exemplificado em (1):

- (1) a. Periquitos estão em vias de extinção.  
b. Periquito está em vias de extinção.<sup>4</sup>

*estar em vias de extinção* é um predicado de espécie porque não se combina com nomes próprios, \**João está em vias de extinção*.<sup>5</sup>

Além dos nominais nus, os sintagmas encabeçados pelo artigo definido singular e plural (2a-b) são sintagmas genéricos, isto é, denotam a espécie. O artigo indefinido, em (2c), veicula que uma subespécie está em extinção, logo não é um sintagma genérico:

- (2) a. Os periquitos estão em vias de extinção.  
b. O periquito está em vias de extinção.  
c. Um periquito está em vias de extinção. Subespécie

Em (2a) temos um sintagma Definido Genérico Plural (DgP) e em (2b), um Definido Genérico (DG). A pergunta neste artigo é: há diferença entre as diferentes expressões da espécie? Afinal, as sentenças em (1) e em (2a-b) dão a mesma informação: os periquitos estão se acabando. No entanto, quando combinamos essas expressões com outros predicados verbais, vemos emergir diferenças sutis, que descortinam a riqueza das línguas naturais. Este artigo é sobre essas diferenças sutis. Ele argumenta que para entendermos essa variedade de formas precisamos mobilizar a espécie enquanto um indivíduo em uma hierarquia e a espécie enquanto uma soma de indivíduos, e combinar com informações sobre o fundo conversacional. A hipótese é que o SNU e o DG denotam a espécie singular, o PNU, a espécie plural. O DG carrega uma pressuposição de familiaridade, enquanto o SNU não carrega pressuposições. Apenas apontamos algumas particularidades do DgP.

Iniciamos com uma análise do PNU em inglês, porque essa é a origem da hipótese de que há espécies na ontologia (CARLSON, 1977). Carlson introduz o indivíduo espécie. Chierchia

<sup>3</sup> Neste artigo, utilizamos as seguintes abreviações, apresentadas em ordem alfabética: DG = Definido Genérico Singular; DgP = Definido Genérico Plural; PB = Português Brasileiro, PNU = Plural Nu; SNU = Singular Nu,

<sup>4</sup> Müller (2002) argumenta que o SNU não é gramatical com predicados de espécie. Essa não é a intuição de Schmitt e Munn (1999, 2002) e Pires de Oliveira e Rothstein (2011). Resultados experimentais mostram que ao menos para algumas variedades do PB o SNU é gramatical com predicados de espécie (MARIANO, 2018).

<sup>5</sup> Utilizamos itálico para as línguas objetos, o inglês e o PB.

(1998) introduz a ideia de espécie plural. Dayal (2004) propõe que o DG em inglês denota a espécie singular e que o PNu é um indivíduo plural. Para os nossos propósitos interessa que há, portanto, dois indivíduos espécie. A segunda seção é sobre o DG. Mostramos que a espécie singular não é um grupo, porque estabelece uma hierarquia com os espécimes e sugerimos que carrega uma pressuposição de familiaridade. A terceira seção apresenta Pires de Oliveira (2022) que propõe que o SNu denota a espécie singular e o PNu, o indivíduo plural intensional. A quarta seção compara o DG e o SNu no PB, já que ambos denotam a espécie singular e propõe que o DG carrega uma pressuposição de familiaridade, associada ao artigo definido singular. Assim, nosso interesse não é revisar a literatura sobre os nominais nus PB,<sup>6</sup> nem sobre a sintaxe e semântica dos nominais através das línguas <sup>7</sup> e tampouco sobre o definido genérico,<sup>8</sup> mas comparar os sintagmas genéricos para averiguar se há diferenças e propor uma explicação semântica.

## 1. A espécie: indivíduo e soma máxima intensional

A tese de doutorado de Carlson (1977), “Reference to kinds in English”, é um estudo aprofundado sobre a semântica do PNu em inglês. Sua proposta explica a variabilidade de interpretação desse sintagma, exemplificada em (3) abaixo, pela contribuição do predicado verbal. O PNu *dogs* (‘cachorros’) tem sempre a mesma interpretação, denota a espécie, a variação na sua interpretação é derivada do predicado verbal:

- |     |    |                    |           |
|-----|----|--------------------|-----------|
| (3) | a. | Dogs are barking.  | Episódica |
|     | b. | Dogs bark.         | Genérica  |
|     | c. | Dodos are extinct. | Espécie   |

Em (3a) a leitura é existencial, há alguns cachorros que estão latindo. Em (3b), a leitura é genérica: em geral, os cachorros latem. Finalmente, em (3c), a espécie dos Dodôs está extinta. A comparação do PNu com o sintagma encabeçado pelo artigo indefinido, *a dog* (‘um cachorro’) por exemplo, leva o autor a propor que o PNu denota a espécie:

- |     |    |   |
|-----|----|---|
| (4) | a. | Dogs are everywhere.                                      |
|     | b. | *A dog is everywhere.                                     |
|     | c. | John killed mosquitos the whole afternoon.                |
|     | d. | *John killed a mosquito the whole afternoon. <sup>9</sup> |

<sup>6</sup> Veja Ferreira (2021) para uma revisão dos nominais nus no PB.

<sup>7</sup> Veja Dayal e Sag (2019) para uma revisão das questões principais relativas aos nominais nus e os sintagmas determinantes.

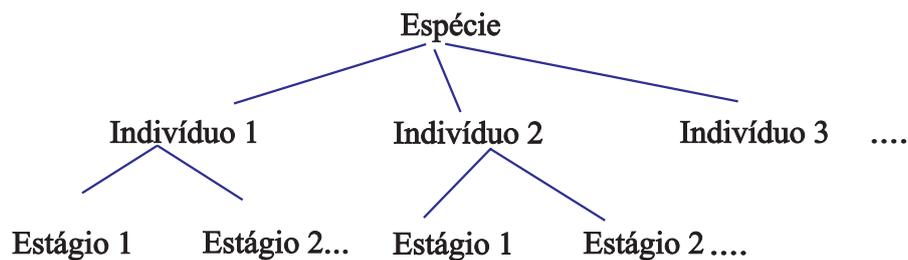
<sup>8</sup> Ojeda (1991) propõe que o artigo definido é ambíguo. Dayal (2004) entende que o predicado é ambíguo e o artigo definido é sempre o operador *t*.

<sup>9</sup> O símbolo \* indica que a sentença não tem a interpretação em questão. # indica que a sentença pode ter a interpretação em questão, mas exige um contexto em particular.

(4a) afirma que há cachorros em todos os lugares, mas (4b) é agramatical, porque o quantificador tem escopo sobre o sintagma nominal, gerando a leitura de que existe um cachorro que está em todos os lugares. Em (4c), *mosquitos* ('mosquitos') está sob o escopo de *the whole afternoon* ('a tarde inteira'), gerando a interpretação de que John ficou a tarde inteira matando mosquito. Já *a mosquito* ('um mosquito') em (4d) parece ter escopo sobre o advérbio gerando a leitura bastante estranha de que há um mosquito que John passou a tarde inteira matando. O fenômeno em (4c-d) é recebe o nome de escopo diferenciado com advérbio pluracional<sup>10</sup>. Voltaremos a ele ao longo deste artigo.

Esses são alguns dos testes que Carlson (1977) utiliza para mostrar que o PNu não é um sintagma encabeçado por um artigo indefinido encoberto, mas um nome próprio como *John*; ele nomeia a espécie. A ontologia é sortida em espécies, indivíduos e estágios de indivíduos. As espécies ocorrem em vários lugares ao mesmo tempo. Os indivíduos ocupam um único lugar num certo momento do tempo, mas se esparramem em estágios no tempo. Os estágios são tempo e espacialmente localizados. "Um indivíduo é (no mínimo) aquilo o que quer que seja que junta uma série de estágios para torná-los estágios de alguma coisa."<sup>11</sup> As espécies são abertas no tempo e no espaço. *Ser mulher* é uma propriedade do indivíduo, porque ocorre em todos os seus estágios. Já *estar escrevendo esse artigo* é uma propriedade de um estágio de um indivíduo. Abaixo a ontologia em Carlson (1977):

**Figura 1:** Ontologia em Carlson (1977)



Carlson (1977, p. 117)

Espécies são realizadas por indivíduos, que se realizam em estágios. Os estágios são as realizações dos indivíduos e das espécies, por isso são os primitivos do sistema.

Em (3a), o predicado *are barking* ('estão latindo') exige interação com estágios porque denota um evento que está transcorrendo no momento em que a sentença é proferida, logo o agente não é a espécie, mas estágios de indivíduos. A operação de Realização ocorre e o resultado é a interpretação de que há cachorros que estão latindo no momento em que a sentença é proferida. A sentença em (3b) é genérica. Há consenso de que sentenças genéricas são fechadas por um operador genérico que irá obrigar a realização da espécie, gerando a interpretação: em geral, se algo é a realização da espécie cachorro, então esse algo late. Finalmente, em (3c) *dodos* ('dodôs') é o argumento do predicado de espécie *to be extinct* ('estar extinto') que seleciona espécies; logo, denota a espécie dodô, um indivíduo.

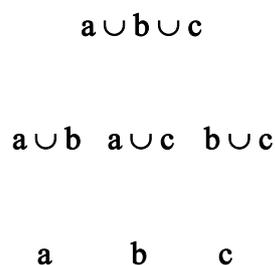
<sup>10</sup> Do inglês, *differentiated scope with pluractional adverb*.

<sup>11</sup> Tradução da autora: "An individual is (at least) that whatever-it-is that ties a series of stages together to make them stages of the same thing." (CARLSON, 1977, p. 117).

Há muitas controvérsias em jogo com relação às sentenças em (4), mas a linha de explicação baseia-se na ideia de que o PNu denota a espécie. Em (4a), o quantificador universal distribui para cada canto um estágio da espécie cachorro. A estranheza de (4b) é o indefinido ter escopo amplo e gerar a significação de que há um cachorro que está em todo lugar; que é uma contradição. Nomes próprios não interagem com quantificadores, são inertes. Como o PNu é um nome próprio, entendemos a interpretação de (4c). A proposta de Carlson (1977) foi um grande avanço.

Chierchia (1998, 2021) reformula essa proposta adotando uma ontologia em que os indivíduos estão organizados em uma estrutura semi-reticulada, como em Link (1983), isto é, uma estrutura em que os indivíduos são somas e partes de soma, como na figura abaixo<sup>12</sup>:

**Figura 2:** Exemplo de semi-reticulado



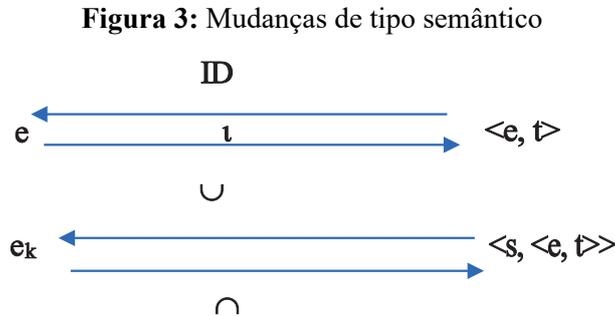
A proposta de Link (1983) também é um grande avanço na compreensão da semântica dos nomes, porque permite modelarmos formalmente nomes plurais, como *periquitos* e nomes massivos como *água*.<sup>13</sup> A figura 2 é um exemplo de um reticulado composto por 3 átomos: o indivíduo a, o indivíduo b e o indivíduo c. Eles são os átomos porque são os elementos que não têm parte própria. O rabo da minha cachorro é uma parte dela sem ser ela. Sintagmas nominais singulares como *João*, *o meu computador*, *aquela mesa* denotam átomos. Sintagmas plurais como *os meninos* ou *João e Maria* denotam indivíduos plurais, isto é, indivíduos que são somas de indivíduos, representados por  $a \cup b$ . Somas são compostas por partes, se  $a \cup b$ , então a é parte dessa soma, representado por  $a \leq a \cup b$ , e b também é,  $b \leq a \cup b$ .

Chierchia também introduz o par de operadores de mudança de tipo, *down*  $\cap$  e *up*  $\cup$ , no triângulo de mudanças de tipo proposto por Partee (1987). Algumas dessas mudanças são encobertas, outras são abertas morfológicamente. O artigo definido em inglês, *the*, corresponde ao operador  $\iota$ , que transforma um predicado em indivíduo,  $\langle\langle e,t \rangle, e \rangle$ . Por exemplo, *miss Brasil* é um predicado, enquanto que *a atual miss Brasil* é um sintagma determinante que denota um indivíduo. A operação ID, identidade, é encoberta e explica casos como *Esse é o João*, em que um nome próprio se transforma num predicado. Chierchia introduz as contrapartes intensionais de  $\iota$  e ID: a “nominalização” de uma

<sup>12</sup> Landman (1991) trata os reticulados como conjuntos; enquanto Link (1983) trata como indivíduos. Chierchia afirma que as abordagens são equivalentes.

<sup>13</sup> Não vamos discutir neste artigo a semântica dos nomes de massa.

propriedade transforma uma propriedade,  $\langle e, t \rangle$ , na espécie, um indivíduo intensional, tipo  $\langle s, e \rangle$ , e a “predicativização” transforma uma propriedade nominalizada, tipo  $\langle s, e \rangle$ , no predicado,  $\langle e, t \rangle$ . Abaixo está a representação dessas mudanças; utilizamos o subscrito  $k$  para marcar que se trata de indivíduos espécie:



Em Chierchia (1998), propriedades são transformadas em espécies, se a espécie é um átomo no universo de discurso. “Se DOG (ou mais precisamente  $\lambda w. \text{dog}_w$  é a propriedade de ser um cachorro, então seja  $\cap \text{DOG}$  a espécie correspondente” (CHIERCHIA, 1998, pp. 348-9).<sup>14</sup> Após Chierchia (2010), a operação que forma espécies passa a exigir que o predicado seja cumulativo, ou seja, o predicado não é atômico.

- (5) a.  $P = \lambda w. \iota x P_w(x)$  definido somente se  $P$  é uma propriedade fechada em soma
- b.  $k = \lambda w \lambda x \begin{cases} x \leq k_w, \text{ se } k_w \text{ é definido} \\ 0, \text{ de outro modo} \end{cases}$  (CHIERCHIA, 2021, p. 33)

“Assim em geral, pluralidades maximamente homogêneas podem ser pensadas como sendo ‘espécies’”.<sup>15</sup> Como em Carlson, o PNu sempre denota a espécie e o predicado verbal é o responsável pelas mudanças. A grande diferença é que ao longo dos modelos de Chierchia, a espécie deixa de ser tratada como um indivíduo singular e passa a ser um indivíduo plural. Suponha que o PNu em inglês denota esse indivíduo intensional plural máximo. Dayal (2004) mostra que a semântica do DG é evidência de que a noção de espécie singular é necessária para explicar as línguas naturais.

## 2. O Definido Genérico – DG – e a espécie singular

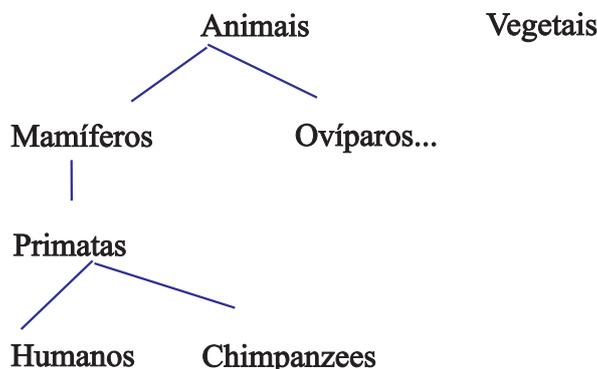
Dayal (2004) entende que o PNu em inglês denota a espécie plural seguindo Chierchia (1998) e propõe que o DG em inglês, como *the dinosaur* (‘o dinosauro’) em (6), denota a espécie taxonômica, isto é o indivíduo que faz parte de uma taxonomia, como exemplificada na figura 4 abaixo:

<sup>14</sup> “If DOG (or more precisely  $\lambda w. \text{dog}_w$ ) is the property of being a dog, then let  $\cap \text{DOG}$  be the corresponding kind” (CHIERCHIA, 1998, pp. 348-9)

<sup>15</sup> “So in general, maximal homogeneous pluralities can be thought of as ‘kinds.’” (CHIERCHIA, 2010, p. 114).

(6) The dinosaur is extinct.

Figure 4: Exemplo de Taxonomia



A autora sugere que as espécies singulares são grupos, como *comitê*, por exemplo, porque são semanticamente plurais e gramaticalmente atômicos. Se ele é gramaticalmente atômico, então não dá acesso direto às instâncias. Por exemplo, (7) não tem a interpretação de que John passou a tarde matando realizações da espécie; a única interpretação é de que ele passou a tarde matando o mesmo mosquito:

(7) \*John killed the mosquito the whole afternoon.

Para Dayal isso ocorre porque estamos diante de um indivíduo atômico. Ao mesmo tempo, o DG é plural, já que se combina com predicados plurais como *gathers* ('se reúne'):

(8) The lion gathers near acacia trees when it is tired. (DAYAL, 2004, p. 429, exemplo (62b))

Sua proposta é que as espécies atômicas são criadas pela pressão da morfologia de singular do nome.  $\hat{\cap}$  não pode se aplicar a um predicado singular, mas o sistema precisa da espécie, então o predicado é transformado num predicado de espécie e  $\iota$  se aplica:

(9)  $\text{Prek}(\hat{\cap}\text{lion}) = *\hat{\cap}(\text{SING}) \Rightarrow \text{Predk}(\iota\text{X}[\text{LION}(X)])$  (DAYAL, 2004, p. 435).

Os nomes são ambíguos entre predicados de indivíduos, representados em minúsculas, lion em (9), e predicados taxonômicos, em maiúsculas, LION. O sintagma definido *the lion* é ambíguo, mas o artigo não é, *the* corresponde a  $\iota$ , logo, faz sempre a mesma operação, atuando sobre predicados de indivíduo ou sobre os predicados taxonômicos. Eis o raciocínio: em (6), o predicado *is extinct* ('estar extinto') requer espécie,  $\hat{\cap}$  não pode se aplicar porque o predicado é singular, dinosaur, então o sistema muda para o predicado taxonômico DINOSAUR, que é um conjunto unitário;  $\iota$  se aplica e retorna o dinossauro espécie.

A sentença em (10) é agramatical se o predicado for taxonômico, RACCON, porque o predicado *ruined my garden* ('arruinou o meu jardim') não é de espécie:

(10) \*The raccoon ruined my garden.

Embora essa seja uma proposta perspicaz, a noção de grupo não parece ser apropriada para entendermos a semântica do DG. O operador de grupo  $\uparrow$ , introduzido por Link (1983) e desenvolvido em Landman (1989), transforma um indivíduo plural num átomo impuro ou grupo. Átomos impuros não têm estrutura interna e não acarretam inferência para as instâncias, o que, segundo Dayal, explica (7). Landman (1989) afirma que, se em (11a) *the boys* é um grupo, então não acarreta (11b), mas acarreta (11c):

- (11) a. The boys ( $\uparrow$ John  $\cup$  Peter) carried the piano.  
 b. John carried the piano.  
 c. John was involved in the carrying of the piano.

“Podemos assumir (sendo plausíveis) que somas, mas não grupos, exigem o envolvimento de todos os membros.” (LANDMAN, 1989, p. 574).<sup>16</sup> As somas exigem o envolvimento de todos os membros, logo grupos não são somas. Grupos não bloqueiam a inferência para os seus elementos, apenas não exigem isso.

Carlson (1977) argumenta que o PNu em inglês não é um grupo, porque é sobre os elementos. Se combinamos o predicado *is big* com um grupo, a interpretação é que o grupo é grande, mas com o PNu, o predicado é interpretado como uma propriedade das instâncias. (12a) é verdadeira, se a companhia tiver muitos tratores mesmo que eles sejam pequenos; (12b) é verdadeira se forem poucos meninos, mas todos devem ser grandes. Em (12c), o total da frota deve pesar 30 tons, mas em (12d) cada um dos meninos deve pesar 300 k; não há a leitura de que os meninos juntos pesam 300 k:

- (12) a. The PIE truck-fleet is big.  
 b. Boys are big.  
 c. The PIE truck-fleet weighs 30 ton.  
 d. Boys weigh 300 k.

Dayal não discute sentenças com o definido genérico e predicados como *big*, mas se tomarmos como base o PB e avaliarmos as sentenças em (13), interpretadas genericamente, isto é, sobre a espécie, vemos que o DG parece se comportar como o PNu em inglês e não como grupo:

- (13) a. # O dinossauro é enorme.  
 b. # O dinossauro pesa em média 300 k.

<sup>16</sup>“we can make the (plausible) assumption that sums but not groups require involvement of all the members.” (LANDMAN, 1989, p. 574).

As sentenças em (13) exigem um contexto em que a questão em discussão é sobre tipos de animais, como em *Que bicho é grande?*, por exemplo.<sup>17</sup> Retornaremos a essa questão mais adiante. O ponto aqui é que em (13a) *enorme* não é uma propriedade da espécie como o um todo e (13b) não é o peso do grupo de dinossauros. Descritivamente, (13a) afirma que em geral, se comparado com outros animais, o dinossauro prototípico é enorme, embora haja dinossauros pequenos; em (13b), o dinossauro prototípico pesa em média 300 k.

Essas são evidências de que o DG não denota um grupo. Nossa proposta é que a DG denota a espécie singular, que se caracteriza por estabelecer relação de hierarquia conforme já definimos. As espécies estão em estruturas de ordenação em classes hierárquicas. Os grupos não são hierárquias. Na próxima seção, retornamos as relações hierárquicas.

Sem contexto, a sentença em (14a), como (10) em inglês, é ruim na interpretação genérica de espécie; diferentemente do que ocorre com os nominais nus - veja o exemplo em (3a) para o inglês e a próxima seção para o PB, o DG é incompatível com um predicado episódico. No entanto, ao menos no PB, o DG parece melhor como resposta no diálogo em (14b), em que o fundo conversacional inclui espécies:

- (14) a. \*O guaxinim arruinou o meu jardim.  
 b. Que bicho arruinou o seu jardim?  
 # O guaxinim.

Propomos que o DG carrega uma pressuposição de que a questão em discussão é sobre espécies. Assim, a resposta em (14b) informa qual é a espécie envolvida na ruína do jardim, o que acarreta que houve pelo menos um guaximin que esteve envolvido no evento da ruína do jardim que está em questão.<sup>18</sup>

O DG é feliz, isto é, tem sua pressuposição satisfeita, em contextos em que o que está em questão é a espécie, por isso, ele ocorre naturalmente em sentenças de leitura de objeto representativo da espécie (KRIFKA *et al.*, 1995) como em:

- (15) O cavalo entrou na América com os portugueses.

Sabemos que o predicado verbal em (15) denota um episódio da história da espécie, ligado à colonização portuguesa, um fato histórico, e por isso o DG cai como uma luva. Não há incompatibilidade como ocorre com (14), porque embora ambos sejam predicados episódicos, em (15) o predicado é sobre um fato histórico de uma comunidade; em (14), denota um evento ordinário, por assim dizer.

<sup>17</sup> Question under Discussion (QUD) é uma proposta de unificação semântica-pragmática, introduzida por Roberts (1996) que iremos assumir informalmente.

<sup>18</sup> Como essa leitura ocorre é uma questão que deixamos em aberto, mas nossa sugestão é que seja via morfologia do nome que denota tanto a espécime quanto o espécime.

Em posição de objeto, o DG é severamente restrito. Ele ocorre com predicados de invenção, como no famoso exemplo:

(16) Babbage inventou o computador.

Mas, também, por exemplo, na seguinte situação: imagine que o falante está visitando um zoológico e profere (17a) se referindo à espécie. Nessa situação, é possível proferir (17a) mesmo que haja vários leões. A sentença em (17b), se for sobre a espécie, (e.g., como resposta à pergunta *Que bicho você fotografou hoje?*) pode ser verdadeira mesmo que mais de uma girafa tenha sido fotografada:

- (17) a. Eu vim ver o leão.  
b. Fotografei a girafa.

A restrição parece ser, portanto, de ordem semântico-discursivo: o DG é feliz se o contexto é taxonômico, porque satisfaz a pressuposição de que há uma única espécie saliente no contexto que tem aquele “nome”, leão ou girafa. Estamos dando nomes aos bichos. Não são generalizações.

A sentença em (18), a tradução de (6), é realmente inaceitável como sendo sobre a espécie; a questão é explicar por que isso ocorre:

(18) \*O João matou o mosquito a tarde inteira.

Não há realização da espécie, se houvesse ela deveria significar que João passou a tarde matando mosquito. Esse argumento levou Dayal (2004) à noção de grupo. No entanto, em nenhum dos exemplos em que o DG é aceito em posição de objeto, ele tem leitura de realização da espécie. Considere (16) e (17). Babbage não inventou as realizações e embora a fotografia seja das girafas, a sentença é sobre o tipo de animal que foi fotografado. Assim, o bloqueio de (18) deriva do fato de que *o mosquito* é um indivíduo em particular. Talvez seja nesse sentido que o artigo é um “quantizador”, não importa se de espécime ou espécie. A leitura de que o João ficou matando o mesmo indivíduo a tarde inteira, o que não é possível.

Como alertamos vamos apenas mencionar o definido genérico plural. Talvez o primeiro dado a ser investigado com mais profundidade é o fato de que no inglês o sintagma definido plural, exemplificado em (19), não é um sintagma genérico. (19a) é agramatical e (19b) significa que há certos cachorros que latem, não tem leitura genérica, por isso está asteriscado (bloqueio da leitura genérica):

- (19) a. \*The dogs are in extinction.  
b. \*The dogs bark.

Chierchia (2022) afirma que o definido plural, em inglês, carrega um índice contextual, que bloqueia a interpretação genérica. Seja como for, esse não é o caso do PB. Em (2a), *Os periquitos estão em extinção*, o definido plural expressa a espécie, logo é um sintagma genérico. A sentença (20a) é genérica. (20b-e) não parecem marcadas, admitindo tanto leitura de espécie quanto de espécime:

- (20) a. Os cachorros latem.  
 b. Os guaxinins arruinaram meu jardim.  
 c. Vim ver os leões.  
 d. Babbage inventou os computadores.  
 e. João matou os mosquitos a tarde inteira.

Deixamos o tópico em aberto. Em resumo nessa seção, aprofundamos Dayal (2004), que propõe que o DG em inglês denota a espécie singular. As espécies singulares estabelecem estruturas de hierarquias. Assumimos tacitamente Dayal (2004) e distinguimos o predicado dos espécimes, cachorro, do predicado taxonômico, CACHORRO. Na nossa perspectiva, essas são possibilidades de uma única raiz nominal que se atualizam diferentemente a depender do contexto sintático. Em outros termos, não se trata de uma ambiguidade, mas de polissemia. Seja como for, o DP, como *o cachorro*, é ambíguo/polissêmico entre o indivíduo objeto saliente no contexto, o Bidu por exemplo, ou denotar a espécie saliente no contexto. Buscamos mostrar que espécies não são grupos, porque a relação com os elementos não é de participação, mas de realização. Propusemos que a espécie é realizada pelos indivíduos; mas o acesso a esses indivíduos é indireto, por isso o estranhamento das sentenças em (13) e (14). Adicionamos também uma pressuposição, quando sugerimos que a leitura de espécie para essas sentenças parece ser possível, se o contexto garantir que a questão em discussão são as espécies. O definido plural em inglês não permite leitura de espécie, ao passo que no PB o definido plural tem leitura de espécie. Além disso, no PB, o DgP parece ser menos restrito do que o DG. Na próxima seção, apresentamos a proposta de Pires de Oliveira (2022) sobre os nominais nus no PB.

### 3. Os nominais nus no PB

As sentenças em (1) mostram que tanto o PNu, *Periquitos estão em extinção*, quanto o SNu, *Periquito está em extinção*, denotam a espécie no PB. Pires de Oliveira e Rothstein (2011) comparam os nomes nus com o sintagma indefinido, *um cachorro*, nos contextos em que Carlson (1977) comparou o PNu com o indefinido no inglês e concluem que eles denotam a espécie. Se os nominais nus fossem indefinidos, deveriam ter o mesmo comportamento do sintagma indefinido, mas não é esse o caso. Por exemplo, (21a) é ambígua porque a negação interage com o indefinido: ou o indefinido tem escopo sobre a negação e a interpretação é de que João encontrou algum jogador, mas não todos, ou a negação tem escopo sobre o indefinido e João não encontrou nenhum jogador. As sentenças com os nomes nus só têm a leitura em que a negação tem escopo amplo: ele não encontrou com nenhum jogador:

- (21) a. João não encontrou com um jogador de futebol  $\exists \neg$  or  $\neg \exists$   
 b. João não encontrou com jogadores de futebol.  $\neg \exists$   
 c. João não encontrou com jogador de futebol.  $\neg \exists$

Na famosa leitura de escopo diferenciado com respeito ao advérbio pluracional, a sentença com o indefinido em (22a), assim como ocorre com o definido singular, exemplificado tem a interpretação estranha de que o João ficou matando o mesmo mosquito a tarde inteira. Os nomes nus têm a interpretação de que o João esteve envolvido na atividade de matar mosquito a tarde inteira:

- (22) a. # João matou um mosquito a tarde inteira.  
 b. João matou mosquitos a tarde inteira.  
 c. João matou mosquito a tarde inteira.

A conclusão é que nem o SNu nem o PNu no PB são sintagmas indefinidos (contra Müller 2002). Eles se comportam como o PNu em inglês. Logo, denotam a espécie. Note que não pode ser a espécie singular que discutimos na seção anterior sobre a sentença (18), porque se fosse, então as sentenças em (22b) e (22c) deveriam ser ruins, mas elas não são. Voltaremos a essa questão adiante.

Alguém poderia imaginar que não há diferença entre (22b) e (22c); o SNu apenas perdeu a morfologia de plural. É um PNu sem flexão de plural. Schmitt e Munn (1999, 2002) afirmam que o SNu não é um plural “disfarçado”. Os autores mostram que com nomes que têm alternância vocálica, a forma do SNu não é a forma plural menos a flexão, mas é a forma singular. Por exemplo, dizemos [ $\Delta\nu$ ] para *ovo*, mas [ $\Delta\nu s$ ] para *ovos*. A forma \* $[\Delta\nu]$  não é gramatical:

- (23) Ele encontrou ovo de tartaruga naquela praia. [ $\Delta\nu$ ] \* $[\Delta\nu]$   
 (SCHMITT; MUNN, 2002, p. 109, exemplo (12b))

A distribuição e a interpretação dos nominais nus também não é a mesma. (24a) tem interpretação existencial, algumas mulheres discutiram futebol, mas (24b) é “marcada” e a interpretação parece ser genérica:

- (24) a. Mulheres discutiram futebol ontem.  
 b. # Mulher discutiu futebol ontem.

“É importante notar que a restrição nas leituras existenciais só ocorre na posição de sujeito.” (SCHMITT; MUNN, 1999, p. 347)<sup>19</sup>. Retornaremos a essa questão mais adiante.

(25a) é ambígua: há alguns artigos de linguística que os alunos estão procurando ou os alunos estão procurando artigos de linguística não importa quais. (25b) só tem a leitura em que os alunos buscam artigo de linguística sem ter nenhum em mente:

<sup>19</sup> “It is important to note that the restriction on existential readings only holds in subject position.” (SCHMITT; MUNN, 1999, p. 347).

- (25) a. Os alunos estão procurando artigos de linguística para apresentar (ambígua)  
 b. Os alunos estão procurando artigo de linguística para apresentar.  
 (SCHMITT; MUNN, 2002, p. 192, exemplos (15a) e (15b)).

Pires de Oliveira e Rothstein (2011) também mostram que os nominais nus não têm exatamente a mesma interpretação. Apenas o SNU pode ter interpretação não cardinal. Em um contexto em que um pescador está escolhendo entre duas latas, só (26a) pode ser verdadeira se a lata tem um número menor de minhocas, mas elas são maiores. Nessa situação, (26b) é falsa:

- (26) a. Tem mais minhoca nessa lata que naquela. volume ou cardinal  
 b. Tem mais minhocas nessa lata cardinal

O PNU só admite leitura cardinal; o SNU admite outras medidas de comparação além da cardinalidade.<sup>20</sup>

Pires de Oliveira (2022) argumenta que essas pequenas diferenças entre os nominais nus no PB, entre outras, se devem à denotação desses sintagmas. O PNU denota o indivíduo plural, como Chierchia (1998, 2021) propõe para o PNU no inglês, e o SNU denota o indivíduo singular, a espécie. Esses indivíduos estabelecem relações diferentes com seus “elementos”. O indivíduo plural é uma soma máxima intensional (isto é, sua denotação varia conforme o mundo). Somas são homogêneas e cumulativas: cachorros mais cachorros são cachorros e cachorros é formado por cachorros mais cachorros, como representado na figura 2. Logo, os indivíduos estão sempre acessíveis.

A espécie singular estabelece uma relação assimétrica com seus elementos, como representado na figura 1. Como já apontamos na seção sobre o DG, na nossa proposta, a espécie é mais do que a soma de todos os indivíduos e de todos os estágios; é a intersecção de todas as propriedades que definem unicamente aquela espécie. Suponha que os rabos de todos os cachorros foram cortados. Ter rabo pode continuar a ser uma propriedade da espécie, mesmo que não seja uma propriedade da soma dos indivíduos em todos os mundos. Pode ser que a propriedade da espécie humana seja ter pelos, mas suponha que todos os humanos foram totalmente depilados, a soma dos humanos não tem pelos, embora a espécie tenha. Por outro lado, a espécie cavalo tem a propriedade de ter sido introduzida no Brasil durante o século XVI com a colonização portuguesa, mas não é claro que essa seja uma propriedade da soma máxima de cavalos, afinal apenas alguns chegaram com os portugueses, os chamados representativos da espécie.

Espécies são hierarquicamente superior aos indivíduos, como representado na figura 4 (p. 333). Os indivíduos, neste tipo de estrutura, realizam a espécie, mas a espécie não realiza o indivíduo e nem a própria espécie. Suponha dois indivíduos, a e b. Se b realiza a, então, a não realiza b e a não realiza a. Bidu realiza a espécie cachorro, mas a espécie cachorro não é uma realização de Bidu e também não é uma realização da espécie cachorro. Realização é uma estrutura em que um indivíduo não pode

<sup>20</sup> A comparação coloca várias questões inclusive se há efetivamente nominais nus nessa construção.

ser superior a si mesmo e um indivíduo é superior a outros. Essas estruturas formam taxonomias. Há muito a entender sobre como elas funcionam. As espécies plurais, por outro lado, são somas de indivíduos; as instâncias são partes próprias do indivíduo plural. Ou seja, o indivíduo plural máximo é uma soma de si mesmo. Há assim dois indivíduos espécie: a soma máxima e o indivíduo singular. Como já dissemos, na nossa proposta, eles estão morfologicamente ligados, mas denotam indivíduos distintos, talvez como em *mulherada* e *mulheres*.

Assim, as sentenças em (1) afirmam a extinção de periquitos, mas realizam isso através de diferentes sentidos: (27a) corresponde a sentença (1a), *Periquitos estão em extinção*, que afirma algo sobre a soma máxima dos indivíduos; (27b) corresponde a (1b), *Periquito está em extinção*, e afirma que a espécie está em extinção:

- (27) a. Há um evento de extinção que está em curso e o tema desse evento é a soma de todos os periquitos.  
 b. Há um evento de extinção que está em curso e o tema desse evento é a espécie periquito.

Essas sentenças são verdadeiras se a espécie periquito estiver em extinção. Como dissemos, a diferença entre elas é sutil e aparece mais claramente em poucos contextos: (i) como sujeito de predicados episódicos, em (24), (ii) no chamado escopo intermediário, em (25), (iii) na possibilidade de leitura de volume para o SNu (26) (iv) e também na retomada anafórica que não exemplificamos. Pires de Oliveira (2022) sustenta que a sua proposta explica esses contextos. Dado os nossos propósitos, vamos discutir apenas o caso em (i).

Considere o PNu, (24a), *Mulheres discutiram futebol ontem*. A incompatibilidade entre o predicado verbal, que é episódico, e a espécie, que é genérico, leva naturalmente a espécie a ser interpretada como sendo sobre algumas mulheres, porque *mulheres* denota a soma máxima de mulheres num contexto. O resultado é a interpretação: algumas mulheres discutiram futebol ontem, como parcialmente representado em (28):

- (28)  $\exists ev [Discutir\ futebol_w (ev) \wedge Agente (ev, \exists x^{w \cap} (Mulher_w(x)) \wedge MEv < MF]$ ; em que MEv é o momento do evento e MF é o momento de Fala.

Isto é, houve um evento de discutir futebol e o agente foram algumas mulheres.

Com o SNu, (24b), *Mulher discutiu futebol ontem*, também há uma incompatibilidade, mas a resolução dessa incompatibilidade não é automática, tanto que ela é marcada. Além disso, a interpretação não é de que foram algumas mulheres que discutiram futebol, mas de que a categoria mulher esteve envolvida no evento. Nossa proposta é que, neste caso, o predicado verbal é alçado a predicado da espécie, porque o SNu denota a espécie singular em que o acesso aos espécimes não é direto. Assim, o alçamento do predicado só ocorre com o SNu por causa da sua denotação, como último recurso para salvar a derivação. Isso não ocorre com o PNu, porque esse é um indivíduo plural,

logo as instâncias são automaticamente acessadas. O recurso para salvar a derivação, i.e. elevar o predicado, gera a interpretação de que esse é um evento da história da espécie:

- (29)  $\exists ev [ \text{DISCUTIR FUTEBOL}_w (ev) \wedge \text{Agente} (ev, m_k) \wedge \text{MEv} < \text{MF}]$ ; em que MEv é o momento do evento e MF é o momento de Fala.

Isto é, houve um evento de discussão de futebol e o agente é a espécie mulher.

Na posição de sujeito de predicados episódicos, o SNu é interpretado como espécie (MENUZZI *et al.*, 2014) ou a derivação se estilhaça. Claro que eventos que envolvem a espécie são raros, mas os falantes do PB são livres para veicular esse significado, se assim desejarem, usando o SNu.

Tanto o PNu quanto o SNu podem ter a leitura de objeto representativo, em que o evento constituiu parte da história de uma espécie. No entanto, o SNu é marcado, o que não deveria ser, se ele denota a espécie, retornaremos a essa questão na próxima seção:

- (30) a. Cavalos entraram na América no século passado.  
b. # Cavalo entrou na América no século passado.

Em posição de objeto, o PNu é sempre sobre alguns indivíduos, há um fechamento existencial local<sup>21</sup>, que vem acompanhado por uma implicatura generalizada de pluralidade (SPECTOR, 2007); semanticamente, o PNu é inclusivo, isto é, inclui os átomos, e a exclusão dos átomos é uma implicatura.<sup>22</sup> Assim explicamos a interpretação em (22b), *João matou mosquitos a tarde inteira*. Para o SNu em (22c), *João matou mosquito a tarde inteira*, a denotação à espécie resulta em um tipo de incorporação ao verbo, gerando uma interpretação de atividade, em que os indivíduos não estão salientes. O PNu denota a soma de indivíduos, que estão salientes.

Se em posição de objeto, o PNu é interpretado como sendo sobre alguns indivíduos, então entendemos por que não se combina com predicados de invenção, que exigem espécie, (31a). Há duas maneiras de explicarmos o bloqueio em (31b): por isso *inventar* pressupõe espécie bem estabelecida e o SNu introduz espécies no discurso, retornaremos a esse problema na próxima seção:

- (31) a. \*Babagge inventou computadores.  
b. \* Babagge inventou computador.

Nos contextos genéricos que discutimos na seção anterior com o DG, os nominais nus são ligeiramente diferentes. A sentença em (32a) é sobre o tipo de animal que o falante veio ver, enquanto

<sup>21</sup> Veja a regra Derived Kind Predication em Chierchia (1998, 2021).

<sup>22</sup> Se o plural fosse exclusivo, a sentença em (42a) deveria significar que apenas famílias com mais de um filho recebem o auxílio, mas não é esse o seu significado. Em contextos de acarretamento para baixo, como em (42b), o significado deveria ser que um menino entrou no pátio; a negação negaria as somas. No entanto, (42b) significa que nenhum menino entrou no pátio. Logo, o plural, como mostrou Sauerland (2003) para o inglês, é inclusivo.

- (i) a. Famílias com filhos recebem auxílio saúde.  
b. Meninos não entram no pátio.

que (32b) é sobre o indivíduo plural. Em (32c), o falante afirma que houve uma fotografia do animal em questão; em (32d), embora possa ser sobre o animal, os indivíduos estão salientes não a espécie:

- (32) a. Vim ver leão.  
 b. Vim ver leões.  
 c. Fotografei girafa.  
 d. Fotografei girafas.

Há muito mais a ser compreendido sobre os nominais nus no PB, focamos no contexto genérico porque nosso objetivo é entender a referência à espécie. Defendemos que as diferenças, que são sutis, podem ser explicadas pelo tipo de relação que eles estabelecem com os espécimes: o PNu é uma soma de indivíduos, que estão sempre acessíveis, enquanto que o SNu é o indivíduo espécie que é realizado por espécimes, por isso acessibilidade é indireta. Na posição de sujeito de predicados episódicos, o SNu força a elevação do predicado, o que torna a expressão marcada, enquanto que o PNu permite leitura existencial. Em posição de objeto, o SNu denota a espécie e o PNu denota pluralidades. Suponha que seja isso: o PNu é uma pluralidade e o SNu é a espécie e que isso explica os contrastes entre eles. Na próxima seção, comparamos o SNu ao DG, nos contextos que já discutimos.

#### 4. Comparando o SNu e o DG

Propusemos que o DG e o SNu denotam a espécie singular, no entanto, ao longo deste artigo, vimos vários contrastes entre eles, que vamos retomar a seguir. Com predicados de espécie, o DG, em (33a), é mais natural que o SNu, em (33b):

- (33) a. O cavalo entrou no Brasil no século XV.  
 b. # Cavalo entrou no Brasil no século XV.

(33b) dá a sensação de que estamos numa lista: os cavalos entraram no século XV, as moscas antes.

Embora tanto o DG quanto o SNu sejam marcados com predicados episódicos, o que se explica pelo fato de que ambos são genéricos, a leitura genérica parece ser mais facilmente acessada pelo SNu, já que no contexto de resposta para a pergunta *Que bicho arruinou o seu jardim?*, (34a) parece ser sobre o espécime:

- (34) a. ?? O guaximin arruinou o meu jardim.  
 b. # Guaximin arruinou o meu jardim.

O DG simplesmente não parece ser compatível com o predicado episódico; é preciso mais suporte linguístico para chegar a leitura de espécie. Compare as sentenças em (35):

- (35) a. # Mulher discutiu futebol ontem de noite  
 b. ?? A mulher discutiu futebol ontem de noite.

A leitura mais saliente de (35b) é de que há uma mulher em particular que realizou o evento; a leitura genérica parece bloqueada. Já em (35a) a leitura proeminente é sobre a categoria mulher.

Nossa proposta para explicar esses contrastes é que o DG carrega uma pressuposição de familiaridade, em que é conhecimento compartilhado que estamos falando sobre as espécies. O SNU não carrega essa pressuposição e introduz a espécie. Isso explica o estranhamento em (33b), porque o predicado pressupõe que é conhecimento compartilhado que esse é um predicado de espécie. Logo, introduzir a espécie causa estranhamento. Em (34) e em (35), a incompatibilidade é o predicado episódico e a denotação da espécie. Mesmo que o contexto favoreça a interpretação de espécie, o DG não é aceito, enquanto que o SNU é melhor, porque essa é a única possibilidade de interpretar. Com o sintagma definido, a interpretação de espécime está disponível, mas daí a leitura não é genérica.

Fora de contexto, a sentença em (36a) não tem leitura genérica, mas (36b) tem:

- (36) a. # A garrafa azul tem gargalo estreito.  
 b. Garrafa azul tem gargalo estreito.

Esse é o chamado contexto de espécies bem definidas (KRIFKA *et al.*, 1995). O SNU introduz a espécie; o DG pressupõe a espécie no fundo compartilhado. Suponha, por exemplo, que estamos numa fábrica com vários tipos de garrafas e em que os tipos estão associados a diferentes cores. Nesse contexto, (36a) denota um certo tipo de garrafa. Se entendemos que a definitude está associada a entidades já introduzidas no contexto, o SNU é indefinido, mas o DG retoma uma espécie. Nesse sentido, eles diferem com relação à definitude. Por isso, o DG é mais restrito do que o SNU.

Em posição de objeto, eles se comportam de forma inversa: o SNU tem leitura genérica sempre, enquanto o DG só tem essa leitura quando o contexto é de espécie. Isso ocorre porque o SNU introduz espécies, enquanto o DG retoma:

- (37) a. Vim ver leão.  
 b. Fotografei girafa.  
 c. Vim ver o leão.  
 d. Fotografei a girafa.

Sugerimos também que o SNU na posição de objeto dá acesso aos espécimes; enquanto o DG não dá acesso aos indivíduos. Assim, como vimos, o DG está bloqueado em contextos de advérbios pluracionais, enquanto o SNU é gramatical e gera a leitura de atividade de matar mosquito:

- (38) a. João matou mosquito a tarde inteira.  
 b. \*João matou o mosquito a tarde inteira.

Sugerimos que o DG é um sintagma quantizado pelo artigo definido, o que impede realizações dos espécimes. O SNU por não ser quantizado permitiria a realização.

## 5. Conclusão

Neste artigo focamos na expressão nominal genérica, isto é, expressões que se combinam com predicados de espécie como *estar extinto*. No PB, quatro formas competem: o SNU, *cachorro*, o DG, *o cachorro*, o PNU, *cachorros*, e o DgP, *os cachorros*. Nossa proposta é que sua distribuição se explica pela combinação das denotações e a pressuposição, conforme a tabela abaixo. *O cachorro* e *cachorro* denotam a espécie singular e diferem quanto a presença de pressuposição; *cachorro* denota a espécie singular e *cachorros* a espécie plural:

Indivíduo/Contexto	+Pressuposição	-Pressuposição
Singular	o cachorro	cachorro
Plural	os cachorros	cachorros

Inúmeras questões estão em aberto. Pouco falamos sobre o DgP, *os cachorros*. Talvez a questão que mereça atenção mais imediata é como implementar esse sistema, tendo em vista princípios minimalistas. Sugerimos, ao longo deste artigo, que as diferentes denotações do sintagma nominal estão associadas morfologicamente, mas não mostramos como isso ocorre. Se no léxico há predicados de indivíduo e predicados de espécie, eles têm que estar conectados. Como se dá essa conexão? Como exatamente geramos o SNU e o DG? Essas são questões para serem investigadas.

## Referências

- CARLSON, Gregory N. *Reference to kinds in English*. 1977. 331f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Massachusetts, Amherst, 1977. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/dissertations/AAI7726414/>
- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language and Semantics*, v. 6, pp. 339-405, 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, pp. 99-149. 2010.
- CHIERCHIA, Gennaro. Mass vs. Count: Where do we stand? Outline of a theory of semantic variation. In: KISS, Tibor; PELLETIER, Jeff; HUSIC, Halima (eds.) *Things and Stuff: The Semantics of the Count-Mass Distinction*. Cambridge UK: Cambridge University Press, 2021, pp. 21-54.
- CHIERCHIA, Gennaro. Argument Formation: The view from Romance. Handout of the Conference at Romance Languages: recent contributions to linguistic theory, 2022.
- DAYAL, Veneeta. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, pp. 393-450, 2004.
- DAYAL, Veneeta; SAG, Yagmur. Determiners and bare nouns. *Annual Review of Linguistics*, pp. 173-94, 2019.

FERREIRA, Marcelo. Bare Nominals in Brazilian Portuguese. In: CABREDO HOFHERR, Patricia; DOETJES, Jenny (eds.). *Oxford Handbook of Grammatical Number*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

KRIKFA, Mandred *et al.* Genericity: An Introduction. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffrey (eds.). *The Generic Book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995, pp. 1-124.

LANDMAN, Fred. Groups I. *Linguistics and Philosophy*, 12, pp. 559-605, 1989.

LANDMAN, Fred. *Structures for Semantics*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

LINK Godehard. The Logical Analysis of Plurals and Mass terms. In: BÄUERLE, Rainer; VON STECHOW, Arnim; SCHWEZER, Christoph (eds.). *Meaning, use, and the interpretation of language*. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1983, pp. 302-23.

MARIANO, Ruan. *A Aquisição da genericidade-D no Português Brasileiro*. 2018. 246f. Tese (Doutorada em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2018.

MENUZZI, Sérgio de Moura; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; DOETJES, Jenny. 2014. Subject Bare Singulars in Brazilian Portuguese and Information Structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 14, n. 1, pp. 7-44, 2015.

MÜLLER, Ana Lúcia. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, v. 18, pp. 287-308, 2002.

MÜLLER, Ana Lúcia; OLIVEIRA, Fátima. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 3, pp. 9-36, 2004.

NUNES, Jairo. Generalized phasal defectivity in Brazilian Portuguese. *Isogloss*. No prelo.

OJEDA, Almerindo. Definite Descriptions and Definite Generics. *Linguistics and Philosophy*, v. 14, pp. 367-98, 1991.

PARTEE, Barbara. Noun Phrase Interpretation and Type-Shifting Principles. In: GROENENDIJK, Jeroen; DE JONGH, Dick; STOKHOF, Martin, (eds.). *Studies in Discourse Representation Theory and the Theory of Generalized Quantifiers*. Foris: Dordrecht, 1987.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Brazilian and English bare nouns: Language variation, experiments, and L2s. *Toronto Working Papers in Linguistics*, 44. Proceedings of ExPortLi 2021: Third Experimental Portuguese Linguistics Workshop, 2022.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, pp. 2153-75, 2011.

ROBERTS, Craige. Information Structure: towards an integrate theory of pragmatics, *Working Papers in Linguistics*, v. 49, Ohio State University, 1996.

SAUERLAND, Uli. A new semantics for number. In: YOUNG, Robert B.; YUPING, ZHOU (eds.). *Proceedings of SALT 13*. Ithaca: CLC Publications, 2003, pp. 258-75.

SCHMITT, Cristina; ALAN, Munn. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. *In: TAMANJI, Pius; HIROTANI, Masako; HALL, Nancy (eds.). Proceedings of NELS 29.* Amherst, MA: GLSA, 1999, pp. 339-54.

SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook 2*, pp. 253-69, 2002.

SPECTOR, Benjamin. Aspects of the pragmatics of plural morphology: on higher-order implicatures. *In: SAUERLAND, Uli; STATEVA, Penka (eds.). Presupposition and implicature in compositional semantics.* Londres: Palgrave Macmillan, 2007, pp. 243-81.